

BETAR  
& SALES  
CLEVER AS

# Rock in Rio

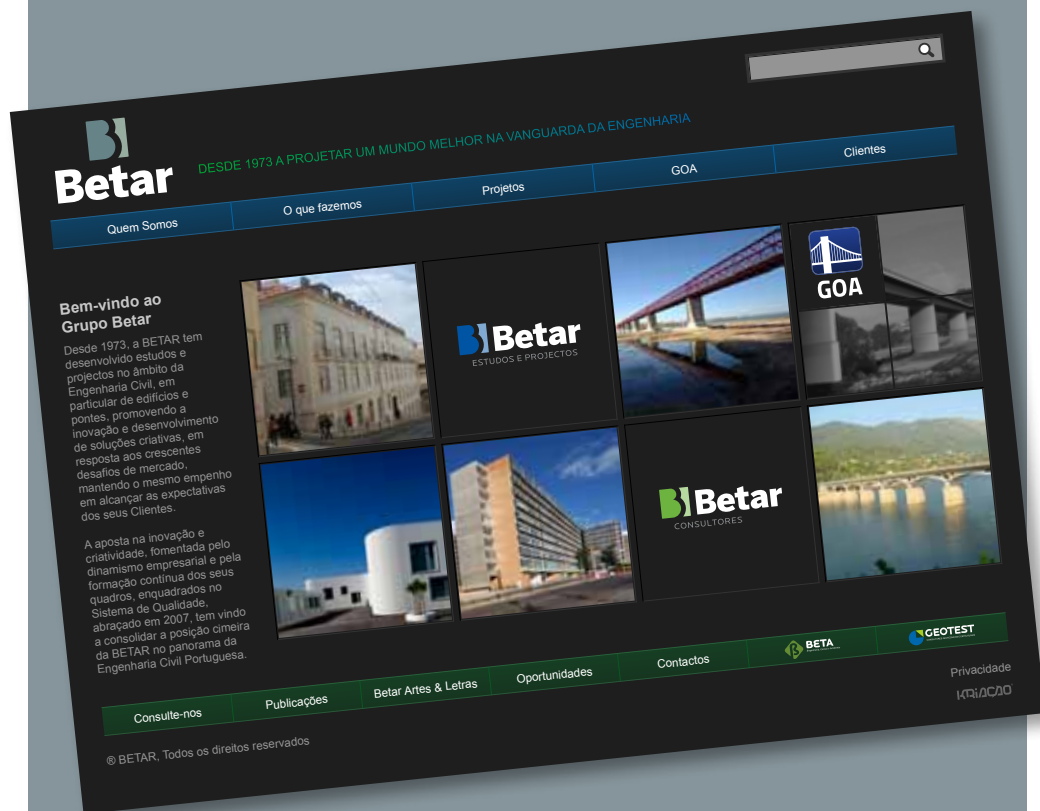
Começam os festivais de verão.  
Já não era sem tempo

**B**  
**Betar**

**ENTREVISTA**  
**ARQ. CARLOS**  
**TOJAL E MIGUEL**  
**PASSOS DE ALMEIDA**

*Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.*

# A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



[www.betar.pt](http://www.betar.pt)

## FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR  
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa  
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça  
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça  
REDATORA: Cátia Teixeira  
DESIGN: Jonas Reker  
CONTACTO: [arteseletras@betar.pt](mailto:arteseletras@betar.pt)



Este mês, no cinema, destacamos o Festin – Festival de Cinema Itinerante de Língua Portuguesa, que decorre no Cinema São Jorge, e cujo objetivo é celebrar e fortalecer a cultura de expressão portuguesa, através do cinema, num ambiente de intercâmbio entre alguns países lusófonos.

E porque esta é uma época bastante aguardada pelos fãs dos festivais de verão, o Rock in Rio volta a Lisboa e abre-nos o apetite para mais um ano fantástico a este nível. Quem também está de regresso a Portugal é a brasileira Maria Gadu e, de volta aos palcos depois de uma ausência prolongada, os portugueses Madredeus, no registo a que nos habituaram.

Uma exposição de pintura e escultura dedicada ao Jazz terá lugar na Casa da Música, para promover uma interessante ligação entre a música e as artes plásticas, e no Museu Coleção Berardo está patente mais uma edição do BESphoto. Lá fora expõem-se obras dos mestres Turner, Matisse e Goya.

Em cena no Teatro Nacional Dona Maria II está a peça “O comboio da madrugada”, de Carlos Avilez, e no Comuna podemos ver “A controvérsia de Valladolid”, encenada por João Mota. “Patty Diphusa” é uma proposta de Miguel Barros para o Teatro Villaret e o Teatro Aberto apresenta a sua nova peça “Pelo prazer de a voltar a ver”, com encenação de Marta Dias.

A entrevista desta edição foi com os arquitetos Carlos Tojal e Miguel Passos de Almeida, da pmc/arquitetos, com quem a BETAR tem tido colaborações bem sucedidas.

MARIA DO CARMO VIEIRA

*Nada nos une, somos totalmente diferentes. O Carlos é «rato de atelier», o Miguel gosta de laurear. Mas essa é uma das vantagens da sociedade'*

Conversa com os arq. **Carlos Tojal** e **Miguel Passos de Almeida**.

Por Cátia Teixeira



Casa na Aroeira. Aroeira, Setúbal. 2003

**Que características da vossa personalidade, e da forma de trabalhar de cada um, mais contribuíram para fundar a pmc/arquitetos?**

Nada! Nada nos une, somos totalmente diferentes, mas existe entre nós um grande sentido de complementaridade. Temos características completamente distintas, em termos de personalidade, de trabalho e no próprio modo de estar na vida. O Carlos é mais “rato de atelier”, não gosta de sair. O Miguel é o contrário, gosta de andar lá por fora a laurear. Daí o complemento das personalidades. Já nos estilos de arquitetura encontramos-nos, gostamos das mesmas coisas. Aí não há conflitos, há em tudo o resto mas pensamos que essa é uma das vantagens da nossa sociedade. Nos tempos que correm, são coisas muito difíceis de levar para a frente e connosco funciona, também pelo facto do nosso trabalho ser para a sociedade e não para cada um individualmente.

**Qual é a mecânica de funcionamento da pmc/arquitetos?**



Adegas Logowines. Herdade da Pimenta, Évora. 2004

Tudo o que fazemos é discutido. Este é fundamentalmente um trabalho de equipa onde todas as pessoas acrescentam. Um arquiteto júnior tem um papel tão importante como os outros. Não acontece um de nós fazer um trabalho e mostrar ao sócio, só no final, para ele assinar por baixo. Todos os dias nós interrompemos o trabalho do outro para dividir ideias. E há ainda um terceiro elemento que é a Leo (mulher do Miguel que faleceu há uns meses) que era como se fosse nossa sócia porque, pelo trabalho que desenvolvia e pela maneira como o fazia, fez-nos ver a arquitetura de uma maneira completamente diferente. A Leo é a alma deste atelier. Era a nossa mentora, nada se fazia sem ela ver, havia um cuidado enorme de ouvir a opinião dela. Tem uma importância enorme na vida deste atelier e está cá sempre, de tal maneira que vamos ter uma publicação sobre alguns trabalhos do atelier que se vai chamar “Leonor Duarte Ferreira, pmc/arquitetos”.

**Concorreram com um projeto para o futuro hospital Todos os Santos mas não venceram.**

**Sentem que os concursos são uma forma justa de avaliar o trabalho dos arquitetos?**

O hospital Todos os Santos não vai ser feito por nós, apesar de ter sido uma luta de três anos, e um grande investimento. Três anos é muito tempo para uma não vitória, são centenas de horas de trabalho, mas foi um projeto muito aliciente. Aquilo que aprendemos não tem classificação, foi imenso. Sonhámos muito com o projeto mas no final foi uma questão de números. É uma área que nos interessa muito, é muito específica, muito difícil, mas muito aliciente. Se os concursos são justos? Não sei. Nos concursos por conceção/construção, ao fim da primeira ou segunda fase, a qualidade do projeto não pesa, só se pergunta “quanto custa?” Nos concursos públicos ou por convite, quando perdemos sentimo-nos sempre injustiçados, até porque concorrer custa muito dinheiro, gastam-se fortunas, e o rácio de aproveitamento é muito baixo, mas só faz isto quem tem vocação e nada dá mais gozo do que a liberdade que nos é permitida nos concursos. Nas fases finais, esquecemos



## ENTREVISTA

por completo a vida que há para além do concurso, vivemos para aquilo, vamos a jogo por paixão.

### **Sentem-se livres ou há muitas condicionantes externas no desempenho da vossa atividade?**

O pior é a legislação. As coisas quase que perdem a graça de tão regradadas que têm de ser. Estabeleceram-se metas tão elevadas, que nem distinguem os edifícios existentes dos novos, e que dificultam brutalmente os processos para reabilitação dos edifícios. Posso dar um exemplo de um edifício em Lisboa, que tivemos de reabilitar, numa rua com inclinação, onde não conseguimos respeitar todos os decretos lei e tivemos de assinar um termo de responsabilidade. Na realidade não conseguimos garantir as acessibilidades todas a pessoas deficientes quando a rua para se chegar a essa casa também não tem essas condições. Ou seja, mesmo que nós conseguíssemos fazê-lo, as pessoas ficavam prisioneiras no espaço. Não há flexibilidade, a lei é cega e encareceu a construção de uma forma quase in comportável. Depois há situações caricatas, por exemplo, quando abriu concurso para a Casa da Música no Porto era obrigatório ter experiência em coisas do género. Assim ninguém avança. O arquiteto Siza Vieira terá dito “Eu não posso concorrer?!”

### **Há algum projeto que considerem especial?**

Miguel – Eu tenho um, que é o projeto de uma adega que foi construída no Alentejo. Sempre achei que era um edifício que nunca tinha sido visto ou nunca tinha sido amado, até haver um fotógrafo que fez um trabalho com ele o retorno tem sido enorme. Considero-o importante por ser um edifício industrial, que normalmente é um tipo de edifício que tem



Empreendimento L'Orangerie. Vilamoura, Algarve. 2006

de ter uma contenção de custos muito grande porque tem de ser funcional. Neste caso, decidimos revesti-lo de cortiça e o resultado foi um projeto de arquitetura de que gosto muito. Como é um material natural, evolui, era castanho e agora está cinzento. Carlos – Eu gostei particularmente do projeto de uma creche, que ficou na gaveta. Era para ser construído num jardim em Cascais, foi um concurso que ganhámos, a Câmara de Cascais pagou-nos tudo mas acabou por não ir para a frente, não sei bem porquê. O jardim era uma jóia e o projeto é, ainda hoje, atual, e essa é uma característica que gostamos na arquitetura.

### **O que é que gostavam de fazer que ainda não tiveram hipótese?**

Miguel – E gostava de fazer um museu. Porque me daria a possibilidade de fazer uma coisa para ser vivida por muita gente. É um espaço cuja ocupação vai mudando e tem de ser desenhado a pensar que vai ser visitado por pessoas de todas as características. E desenhar um espaço cuja função é dar destaque a outras coisas é uma espécie subversão da arquitetura porque o edifício não se deve destacar demasiado, não pode haver um excesso de arquitetura, não é esse o intuito do museu.

## ARTES

Uma exposição temática sobre Jazz e o regresso do BESphoto são as propostas deste mês da Artes&Letras. Os protagonistas são todos lusófonos. Não perca

### MUSEU DA MÚSICA **Jazz 2012**

Até 12 de Maio

O projeto AP – Arte Portuguesa surge da necessidade urgente de dinamizar a cultura portuguesa ao nível das artes plásticas. Neste contexto, desenvolve-se este primeiro evento, subordinado ao tema do Jazz. Pretende-se divulgar artistas nacionais da pintura e escultura num espaço dedicado à música, porque se entende que esta mistura cria uma atmosfera que permite aos visitantes apreciar a harmonia destas duas realidades culturais. Jorge Bandeira, XicoFran (Francisco Fernandes) e AnTónio Morais são os protagonistas deste evento que prometem prestar uma merecida homenagem ao Jazz, um género musical e cultural extremamente marcante. Com organização da Eventate, a exposição apresenta cerca de 20 obras em que o jazz é o elemento unificador.



### MUSEU COLEÇÃO BERARDO **BESphoto 2012**

Até 27 de Maio

O BESphoto é uma iniciativa do Banco Espírito Santo, em parceria com o Museu Coleção Berardo e, desde a 7ª edição, com a Pinacoteca do Estado de São Paulo, no Brasil, que visa premiar artistas portugueses, brasileiros e africanos dos PALOP's, neste seu novo formato marcado pela internacionalização do prémio. Para participar na 8ª edição do evento foram selecionados quatro artistas: Duarte Amaral Netto (Portugal), Mauro Pinto (Moçambique); Rosangela Rennó (Brasil) e o coletivo CIA de Foto (Brasil). Os artistas nomeados apresentam os seus trabalhos no Museu Coleção Berardo nesta primeira exposição que seguirá depois para a Pinacoteca do Estado de São Paulo, onde ficará patente de 16 de Junho a 5 de Agosto.

Este mês, José Mendonça faz referência ao FESTin – Festival de Cinema Itinerante de Língua Portuguesa – e sugere dois clássicos imperdíveis

## ↓ clássicos

### A Dama de Xangai

## O cinema negro de Orson Welles



Título original: The lady from Shanghai  
De: Orson Welles  
Com: Orson Welles e Rita Hayworth  
Género: Drama  
Classificação: M/12  
EUA, 1948, 87 min

Depois de ter provado, com o filme “O estranho” (1946) que era capaz de dirigir um filme normal, se o quisesse, Orson Welles regressa ao cinema negro com “A dama de Xangai”. O cineasta escolheu, quase ao acaso, um romance barato e transformou-o numa obra rica e estranha, perfeita para dar voltas à cabeça do patrão da Columbia, Harry Cohn. Para a película, Welles fez da atriz Rita Hayworth – na altura sua mulher – uma vilã torpe com um sex appeal repulsivo. Já o próprio Welles, com o seu sotaque irlandês desigual, dá vida a um marinheiro, contratado por um advogado, para fazer parte da tripulação do seu iate e, talvez, para prestar serviços à sua esposa sedutora. Seguem-se homicídios e um julgamento, onde todas as personagens agem sem um pinga de ética. O final desenvolve-se numa casa de espelhos onde se dá um tiroteio. A própria película é um espelho quebrado.

### Imperdoável

## O último *western* de Clint Eastwood



Título original: Unforgiven  
De: Clint Eastwood  
Com: Clint Eastwood, Morgan Freeman, Gene Hackman e Richard Harris  
Género: Western  
Classificação: M/12  
EUA, 1992, 131 min

“Imperdoável”, o último western de Clint Eastwood, é uma excelente despedida. Com temas sombrios, fascinantes e complexos, a película é uma saga de beleza melancólica e de inabalável realismo moral, físico e histórico. Eastwood mereceu o seu reconhecimento tardio enquanto realizador deste filme, o seu 16º, tendo sido premiado com os Óscares de Melhor Filme e Realizador. Considerado o grande western anti-romântico, o filme baseou-se num guião que passou de mão em mão durante 20 anos, até Eastwood agarrar nele para desmontar o seu próprio mito. Pistoleiros envelhecidos, mulheres oprimidas e a torpeza da morte fornecem o ambiente sombrio. A contestação do heroísmo dos westerns e um autor de romances baratos, acrescentam humor sardónico à receita básica de “Imperdoável”. Esta é uma bela obra de artesanato artístico, como seria de esperar deste realizador, que traz para o filme toda a sua compreensão de um género que manteve vivo durante 20 anos, quando tinha saído de moda.



## ↓ festival

## FESTin – Festival de Cinema Itinerante de Língua Portuguesa

De 9 a 16 de Maio no Cinema São Jorge

O FESTin regressa ao Cinema São Jorge, em Lisboa, com uma homenagem ao cinema brasileiro contemporâneo, a propósito do ano do Brasil em Portugal. Em 2011 o festival exibiu 78 produções dos oito membros da Comunidade de Países da Língua Portuguesa, que foram vistos por mais de 3000 espectadores. Este ano o FESTin pensa alargar as suas atividades às comunidades de língua portuguesa espalhadas pelo mundo. O FESTin foi criado com o objetivo de celebrar e fortalecer a cultura de expressão portuguesa através

do cinema, num ambiente de partilha, intercâmbio e inclusão social. As longas-metragens “Riscado” (Brasil), “Clara Sabura” (Guiné-Bissau) e a curta “Revolução nos Rabelados” (Cabo Verde) foram dos primeiros títulos a serem selecionados para a 3ª edição do festival. Nesta 3ª edição, o festival dará especial destaque à cinematografia brasileira, no âmbito das comemorações do Ano do Brasil em Portugal, e passará a integrar anualmente a Mostra de Cinema Brasileiro, anteriormente produzida pela Fundação Luso-Brasileira.



Em início de época de festivais de verão, o Rock in Rio é dos primeiros a chegar. Um regresso muito aguardado. Quem também está de volta é Maria Gadú e os Madredeus



## Rock in Rio

De 25 de Maio a 3 de Junho, no Parque da Bela Vista

FESTIVAL

com Metallica, Evanescence, Sepultura e Mão Morta. Dia 26 é a vez de Smashing Pumpkins, The Offspring, Linkin Park, Limp Bizkit, Rita Redshoes e Mafalda Veiga e dia 1/6 Lenny Kravitz, Maroon 5, Ivete Sangalo, Expensive Soul, Orelha Negra e Boss Ac. Dia 2 atuam Ana Free, Amor Electro, Luís Represas e Jorge Palma e a 3 Bruce Springsteen, Xutos&Pontapes, James, Kaiser Chiefs, Carminho e Rui Veloso.



## Maria Gadú

Dia 24, às 22 horas, no Coliseu dos Recreios

CONCERTO

Com apenas 25 anos, Maria Gadú é uma das mais talentosas artistas da nova geração de cantores/compositores brasileiros. Estrela em permanente ascensão, regressa agora a Portugal, depois de uma passagem memorável pelo Pavilhão Atlântico e pelo Pavilhão Rosa Mota, na companhia de Caetano Veloso. De braços abertos, Lisboa prepara-se agora para receber a artista de São Paulo em nome próprio.



## Madredeus

Dia 31, às 21 horas, no CCB

CONCERTO

Os Madredeus estão de regresso aos discos e aos palcos para uma nova fase na sua carreira. “Essência” é o título do novo álbum, que representa o regresso ao estilo original dos Madredeus que tanto sucesso teve a nível internacional, ajudando a abrir caminhos para a música portuguesa. O novo espetáculo promete ser uma viagem por toda a carreira do grupo, apresentando um repertório variado.



## La Valse

De 24 a 31 no Teatro Camões

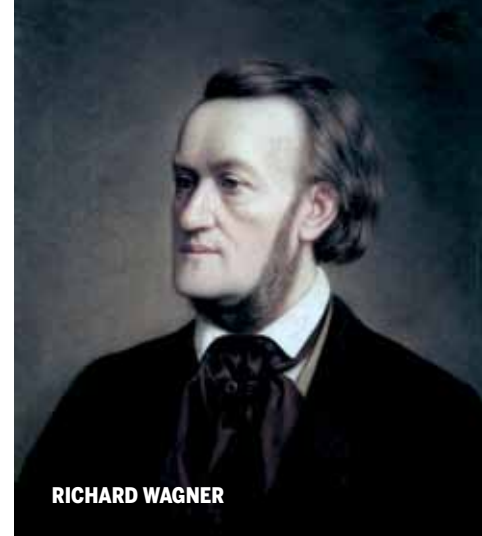
DANÇA

A Companhia Nacional de Bailado desafiou o coreógrafo Paulo Ribeiro e o realizador João Botelho a explorarem uma composição de Ravel e a conceberem um olhar cinematográfico sobre o movimento dos corpos. O resultado é uma curta-metragem sobre um bailado. Influenciado pela experiência da guerra, Ravel criou uma peça onde o romantismo desvanece e o ritmo da valsa deriva frequentemente para o caos.



## Concertos em maio

por António Cabral



RICHARD WAGNER

### FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

[www.musica.gulbenkian.pt](http://www.musica.gulbenkian.pt)

10/5, às 21h e 11/5, às 19h (Grande Auditório)

Dois concertos dedicados a Wagner. No primeiro, o 1º ato da “Ópera Sigfried” e, no segundo, a cena final do 3º ato da mesma ópera. No segundo programa ouviremos também “O Idílio de Siegfried” de Wagner e a abertura “Romeu e Julieta” de Tchaikowsky. Orquestra Gulbenkian, Maestro Kirill Petrenko e os cantores Scott MacAllister e Anna Katharina Behnke.

13/5, às 19h (Grande Auditório)

Deutsche Kammerphilharmonie Bremen, o maestro inglês Trevor Pinnock e a nossa pianista Maria João Pires. No programa o concerto nº 3 para piano e orquestra de Beethoven e a “Sinfonia nº 5” de Franz Schubert. Vão ver a nossa grande Maria João que anda um pouco zangada com Portugal.

24/5, às 21h, e 25/5, às 19h (Grande Auditório)

Mas Maio é, na Fundação Gulbenkian, o mês Maurice Ravel (1875/1937). Quem não conhece este grande compositor francês tem, nestes concertos de Maio, oportunidade de assistir ao essencial da sua obra. Vejamos e ouçamos a suite “Ma mère l’oie”, os dois concertos para piano e orquestra e o poema coreográfico “A Valsa”.

31/5, às 21h e 1/6, às 19h (Grande Auditório)

No programa a ópera em um ato “A Hora Espanhola” (encenada por Rosetta Cucci) e mais quatro composições para orquestra: “Rapsódia Espanhola”, “Pavana para uma infanta defunta”, “Alborada del Gracioso” e o “Boléro”. Orquestra Gulbenkian, maestro Lawrence Foster, o pianista Jean-Efflam Bavouzet e os cantores Christine Tocci, Gilles Ragon, Luís Rodrigues e Robert Holzer

### CENTRO CULTURAL DE BELÉM

[www.ccb.pt](http://www.ccb.pt)

13/5, às 17h (Sala Eduardo Prado Coelho)

A soprano Maria Cristina Kiehr e o ensemble “Sete Lágrimas” num concerto com música portuguesa do Sec. XVIII (século em que produzimos música de grande qualidade, talvez influência do Ouro do Brasil).

### TEATRO DE SÃO CARLOS

[www.saocarlos.pt](http://www.saocarlos.pt)

17/5, 21/5, 23/5 e 25/5, às 20h e 19/5, às 16h

A ópera “La Rondine”, talvez a menos célebre das óperas de Puccini. Os cantores são do melhor que temos (e já não estamos nada mal servidos). Maestro José Miguel Esandi e encenação de Nicola Raab. Orquestra Sinfónica Portuguesa e Coro do Teatro São Carlos.

Maio é um mês recheado de propostas ao nível do teatro. Aqui lhe deixamos quatro sugestões para que não tenha desculpas para não ir ver uma peça. Há para todos os gostos



## O comboio da madrugada

Sob o título original “The Milk Train Doesn’t Stop Here Anymore”, esta peça foi estreada em 1963, nos Estados Unidos. No centro da narrativa, duas personagens. Flora Goforth, uma antiga artista de variedades, milionária e decadente, e o jovem poeta Chris Flanders. Apelidado “Anjo da Morte”, tem por hábito visitar velhas senhoras nos últimos momentos das suas vidas. Numa fase caracterizada pela enorme solidão de Flora, nada mais importa que a derradeira vontade de ser desejada. Afogada em tristeza e doente, faz pouco mais do que escrever as suas memórias. Até um dia, quando conhece Chris Flanders, e volta a acreditar.

### Teatro Nacional Dona Maria II

Data: De 10 de Maio a 17 de Junho  
Encenação: Carlos Avilez  
Interpretação: Eunice Muñoz, Anna Paula, Carlos Reiriz, Henrique Carvalho, Lídia Muñoz, Pedro Caeiro, Renato Pino, Ricardo Alas, Rita Cabaço, Sérgio Silva



## A controvérsia de Valladolid

Depois de ter sido apresentada no Teatro São Luiz, “A controvérsia de Valladolid” chega ao palco do Comuna Teatro de Pesquisa para assinalar o seu 40º aniversário. Um texto fundamental sobre os abismos que se abrem entre nós e o outro, a peça de 1992 restitui-nos a possibilidade de um diálogo histórico entre Frei Bartolomé de las Casas e o filósofo Sepúlveda. Em discussão, o direito de decidir, não apenas da vida dos povos conquistados, mas da sua pertença à humanidade. Uma imagem a recordar-nos uma tragédia recente, a tão opaca guerra colonial portuguesa, mas também a permitir-nos uma analogia com as formas contemporâneas de exclusão que, por detrás da sua aparência económica, colocam em questão a dignidade da existência.

### Comuna Teatro de Pesquisa

Data: De 10 de Maio a 17 de Junho  
Encenação: João Mota  
Interpretação: Alexandre Lopes, Álvaro Correia, Carlos Paniágua, Carlos Paulo, Carlos Vieira D’Almeida, Mia Farr, Miguel Sermão, Pessoa Júnior, Virgílio Castelo e as crianças João Marcos e Ruben Carvalho



## Patty Diphusa

Patty Diphusa é um alter ego dos anos 80 de Pedro Almodóvar. Através dela, o autor deu rédea solta à sua veia mais desbragada, narrando uma sucessão de histórias urbanas, calientes e improváveis. Patty é um fenómeno sexual e social: devoradora de homens, estrela porno, colunista visionária, artista de vanguarda, desorientada. Patty é um sonho erótico delirante, é a mulher que todos os homens gostariam de ter tido, pelo menos uma vez. É maior que a vida. Não é uma mulher, são todas. Patty pertence àquele tipo de mulher que protagoniza a época em que vive. O seu discurso, frontal e caótico, sempre na primeira pessoa, não cabe numa só personagem, pelo que será desdobrado numa sucessão de curtos monólogos intercalados com momentos de contracena. E o público estará presente. Fará parte da cena e do cenário.

### Teatro Villaret

Data: Dias 4, 11, 18 e 25 de Maio  
Encenação: Miguel Barros  
Interpretação: Filipa Sousa, Sheila Totta, Sofia Ribeiro, Sílvia Soares



## Pelo prazer de a voltar a ver

O palco é um lugar mágico que permite todos os sonhos. Desta vez, não há duelos, nem príncipes, nem oráculos mas sim o teatro das pessoas, das pequenas coisas que temos em comum... e nos tornam únicos.

Um dramaturgo sobe ao palco para nos falar da mulher que desinquietou o seu espírito de jovem sonhador, para nos contar como se tornou quem é. A história que conta não é muito diferente das nossas histórias mas nós queremos ouvi-la outra vez – tal como ele deseja voltar a ver essa mulher, uma vez mais.

“Pelo Prazer de a voltar a ver” é a estreia de Marta Dias na encenação, depois de várias colaborações em peças apresentadas no Teatro Aberto. Tem trabalhado como assistente de encenação de João Lourenço e desempenhado funções de direção de cena e assistência de dramaturgia

### Teatro Aberto

Data: Até 27 de Maio  
Encenação: Marta Dias  
Interpretação: Sílvia Filipe e Luís Barros

## PORTO

‘Mês de Maio, mês das flores, mês de Maria, mês dos amores’, também no Porto, claro! Siga as sugestões de Maria João Duarte

### Teatro

**TEATRO CARLOS ALBERTO:** Ciclo Enda Walsh: 2 peças “Acamarrados” - numa cama suja, pai e filha contam a sua história e finalmente conversam como nunca o fizeram antes (4 a 6) e “Penélope” - 4 homens vivendo numa piscina vazia lutam pela mão de uma Penélope moderna. (11 e 13) + 2 leituras encenadas “O Chat” e “O Novo Dancing Elétrico (12) + 1 filme “Fome”. **RIVOLI:** “Como Desenhar Mulheres, Motas e Cavalos”, explicado e desenhado por Nuno Markl (20). **BALLETE-ATRO,** na Pç 9 de Abril, 76: “Frágil” pelo Teatro de Marionetas (15 a 25). **SERRALVES:** “3 Moscas” projecto, baseado na obra de Raymond Roussel, complementar à Exposição “Locus Solus” e integrando os Bonecos de Santo Aleixo do Centro Dramático de Évora (3 a 6). **COLISEU:** “Os Melhores do Mundo”, companhia brasileira com “Hermanoteu na Terra de Godah...uma comédia bíblica!” (11). **TNSJ:** “Medida por medida” de W. Shakespeare com encenação de Nuno Cardoso (5 a 13)

### E ainda...

**TEATRO CARLOS ALBERTO:** “Do Texto à Representação na Cena Contemporânea” oficina orientada por Guillermo Heras (17-19). **BALLETEATRO:** FFFILM PROJECT - Family Fiction Film Project, ciclo de vídeo e cinema (até 30). **CRIANÇAS:** **TEATRO CAMPO ALEGRE:** “Pequenos Mundos”, peça que funciona como um pequeno jogo (até 13). **CASA DA MÚSICA:** “Verne - 20 mil músicas submarinas”, que tem como ponto de partida a obra de Júlio Verne (até 1jun); Workshops “A música toma conta de mim” (sáb. e dom. tarde, 3 aos 10 anos); Concerto no Dia Mundial da Criança (1 jun).

### Música

**ESTÁDIO DO DRAGÃO:** Coldplay (18), **PARQUE DA CIDADE:** Grupo Revelação + Basic Black + Boss AC + Nu Soul Family (6), Rui Veloso + Os Azeitonas (7), Travis + Amor Electro (9), Xutos & Pontapés + Prana (10). **COLISEU:** Maria Bethânia canta Chico Buarque (8), Maria Gadú (26). **HARD CLUB:** Russian Circles + Deafheaven (12). Plano B: “Eak “ (11), Spain (19), Royal Hunt (22). **MAUS HÁBITOS:** Tera Melos (23). **CASA DA MÚSICA:** Rita Redshoes (6), Jane Birkin canta Gainsbourg (16), Susana Baca, a Cesária Évora peruana apresenta “Afrodiáspora” (9), Armandinho, cantor popular brasileiro (17). **TEATRO CAMPO ALEGRE:** António Zambujo, cantor, guitarrista e compositor (24). **ESTAÇÃO DE METRO DA TRINDADE E DO BOLHÃO:** Música na Rua (até 31 /12h e 17h)

### À descoberta do Porto

Nos jardins do Palacete do Visconde de Vilar d’Allen, obra do arq. José Marques da Silva (1927), com frente para a Rua Rúben A, procurem a “Casa das Artes”, um dos primeiros projectos de E.Souto de Moura (1991). Premiado em 1992 com o Prémio Secil de Arquitectura, o edifício distingue-se pela sua discrição, simplicidade e integração no espaço envolvente.

### Exposições

**CENTRO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA:** “Way Home” (até 13), “E ainda vejo os seus rostos”, Fotografias de Judeus Polacos (até 3 jun). **GALERIA ALVAREZ:** “Os Melhores Venenos” (até 14). **BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL:** “Orlando Ribeiro (1911-1997): Ponto de Partida, Lugar de Encontro” (até 30 jun).

## LÁFORA

Até Junho, se viajar para fora do país, pode visitar obras de Turner em Londres, deliciar-se com quadros de Matisse em Paris, ou apreciar Goya em Barcelona



National Gallery, Londres

### A inspiração de Turner na luz da Claude

Até 5 de Junho

Turner é talvez o mais amado artista Inglês romântico. Ficou conhecido como “o pintor da luz”, por causa do uso de cores brilhantes nas paisagens marinhas que recriava. Turner provocou uma revolução na pintura no início do século XIX, ao criar a uma paisagem industrial moderna, com um estilo mais livre. Um diálogo duradouro com o pintor Claude Gellée permitiu-lhe novas abordagens. Esta mostra oferece a oportunidade de comparar obras dos dois artistas e descobrir até que ponto Turner foi inspirado por Claude no domínio da luz e da paisagem

Centro Pompidou, Paris

### Matisse: pares e conjuntos

Até 18 de Junho

Desde o início, Matisse pintou, de forma bem sucedida, versões duplas do mesmo padrão. Num diálogo impressionante, esses pares de pinturas permitem a análise precisa da história da sua criação e das técnicas deste processo muito singular do artista. Esses confrontos revelam a dimensão plástica reflexiva da sua obra que se encaixa em sua própria temporalidade. Através deles, é possível apreender e compreender todo o trabalho de Matisse (1899 a 1952).



Caixa Forum Barcelona

### Goya: luzes e sombras

Até 24 de Junho

Em parceria com o Museu do Pardo, a Caixa Forum Barcelona apresenta “Goya: luzes e sombras”, uma grande exposição que é o ponto de partida para uma série de quatro exposições co-produzidas pelas duas instituições para promover a arte espanhola. Conhecido como “Goya, o Turbulento” e considerado às vezes como “o Shakespeare do pincel”, as suas produções artísticas incluem uma ampla variedade de retratos, paisagens, cenas mitológicas, tragédia, comédia, sátira, homens, deuses, demónios e um pouco do obscuro.



## LIVROS

Este mês, sugerimos um livro de edição recente, que conta parte da história da China, e relembramos uma obra da década de 30, cuja narrativa se passa no Brasil. Por Cátia Teixeira



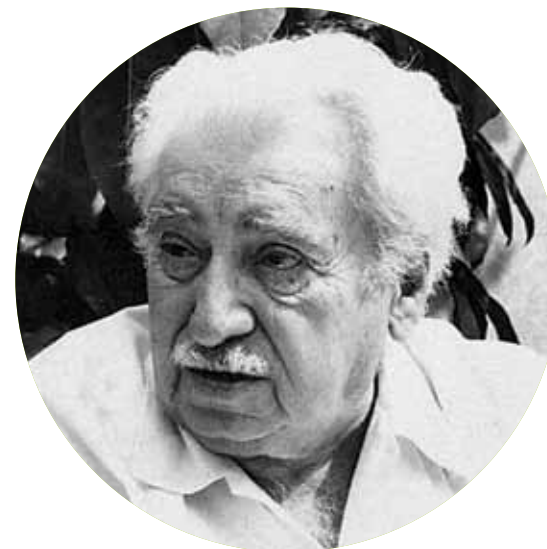
### Zhang Jie *Negros Anos*

**E**ste romance percorre a história da China no século XX, descrevendo os negros anos vividos no país, quando o comunismo maoista, com o seu objetivo de poder, impediu a modernização e violou os sentimentos mais sagrados e estruturantes da cultura chinesa. Violência dilacerante, que lançou os filhos contra os pais, cuja lembrança ainda hoje ensombra o coração da nação. É também um romance sobre a força feminina num país de homens. Uma obra-prima da escritora que verteu, numa epopeia sublime, a história do povo chinês que, apesar dos mais inacreditáveis obstáculos, sempre conseguiu manter um rico conjunto de valores humanos.

Zhang Jie nasceu em Pequim em 1937. Foi funcionária pública até ser forçada ao desterro no campo, em 1969. Regressou a Pequim em 1972, onde ainda reside. “Negros Anos” prossegue a narrativa iniciada com “Não Há Palavras”, igualmente editado em Portugal.



**Negros Anos**  
Zhang Jie  
Gradiva, 2012



### Jorge Amado *Capitães da Areia*

**N**o mês em que chega às salas de cinema portuguesas o filme “Capitães da areia”, impõe-se falar do livro de Jorge Amado com o mesmo nome. “Capitães da Areia” é a obra de Jorge Amado mais vendida em todo o mundo, tendo já sido alvo de inúmeras adaptações para a rádio, televisão e cinema. Em páginas carregadas de grande beleza e dramatismo, o escritor brasileiro descreve a vida dos meninos abandonados nas ruas de Salvador da Bahia, nos anos 30, conhecidos por “Capitães da Areia”. Naquela época afetada por uma epidemia de varíola, o aparato policial destinava-se à perseguição pura e simples dos menores infratores. Diante do ambiente hostil em que vivem, as crianças reagem de forma também agressiva. Uma espécie de armazém, numa das praias da capital baiana, é a única referência de “lar” que possuem; é onde se abrigam, se escondem, e vivem como uma família. Ali constroem as suas próprias regras.



**Capitães da Areia**  
Jorge Amado  
Dom Quixote, 1937

No espaço onde tudo é permitido, Gonçalo Whanon e Maria do Carmo Vieira voltam a apresentar-nos a sua opinião. Só temos a agradecer

## Uma música da minha vida

GONÇALO WAHNON



## O silêncio é uma das minhas músicas favoritas. Paradoxal?

Tal como a cor branca contém todas as cores do arco-íris sem que contudo delas nos apercebamos, naquele encontro todos os temas que ouvi e que me encheram os dias e a vida; aí reencontro alegrias e tristezas que a música, nalgum momento, me trouxe; no silêncio posso escolher o que ouvir com a maior das concentrações; nele posso imaginar músicas futuras ou temas musicais por tocar. Na abstracção para que o silêncio me transporta, posso convocar qualquer trecho musical no momento que eu queira. O silêncio é a música de fundo mais bela por receber todas as outras, de forma altruísta, armazenando-as e libertando-as quando as pedimos.

Jorge Luís Borges escreveu sem ver. Não é para qualquer um... Do fundo da sua prodigiosa memória e da escuridão do seu mundo, escolheu as letras com que articulou as palavras dos fantásticos contos que compôs e deu-as a conhecer a milhões de leitores. Ironicamente nunca as pôde ler.

Também esse monumento musical que é a 9ª Sinfonia foi composto por um surdo que nem por isso, arrisco-me a dizer, ouvia pior do que muitos de nós... Beethoven ouviu-a. As notas brotaram daquela alma genial a que o compositor deu corpo e, juntando-as num harmonioso puzzle que todos lhe agradecemos, escreveu numa pauta, para sempre, um Hino intemporal à Alegria, à nossa universal alegria, mas que ele não pôde ouvir. Contudo, foi o primeiro a percebê-lo naquele silêncio que o corpo lhe impôs e que, talvez por isso, é extraordinário. Não invejo a surdez de Beethoven; apenas o seu génio!... Como não nos rendermos à força criadora que conseguiu tal equilíbrio nos instrumentos, na correcta dosagem dum piano ou dum forte - ele que não distinguia nenhum! - na harmonia dos acordes, na força do coro final daquele hino libertador que uma voz subterrânea lhe soprou?!

Sei que o silêncio, essa voz surda que connosco fala, traz-me tudo o que de melhor alguma vez ouvi. Sem auscultadores! Apenas com o recolhimento. O silêncio, sei-o há muito, é uma das músicas da minha vida. Deixem-me ouvi-lo.

## Um filme da minha vida

MARIA DO CARMO VIEIRA



Wong Kar-Wai

## O Sabor do Amor

Romântico, intimista e doce, muito doce. São estas as palavras que me ocorrem para descrever o filme “O Sabor do Amor”. Este filme seduziu-me pela simplicidade de uma bela narrativa, pelos encantadores diálogos que ocorrem com as personagens que se cruzam com a protagonista, interpretada por Norah Jones. Sim essa: a cantora, pianista e compositora. Tocou-me a profundidade do seu olhar, vincado num rosto triste, melancólico, abandonado, mas sem nunca se alhear aos sentimentos. Nota alta para a banda sonora.

A ação inicia-se num pequeno café, em que Elisabeth entra, magoada e ultrajada, para lá deixar as chaves de um apartamento que partilha com aquele que a trocara por outra. As chaves são colocadas num frasco, junto de outras, pelo atraente e sedutor dono do café, Jeremy, interpretado por Jude Law. De cada uma destas chaves emerge uma história de abandono, de desolação. Foram lá colocadas por pessoas que entraram naquele café, na esperança que alguém, um dia, por lá passe, para as recolher. Também ele lá tem uma chave sua.

As noites de insónia de Elisabeth são agora passadas no pequeno café, na companhia de Jeremy, numa conversa fácil que flui entre ambos, entre dentadas numa tarte de mirtilos, aquela que sempre sobra no final de cada dia. Foi na última noite antes de partir (o realizador convida-nos a olhar Elisabeth adormecida sobre o balcão) observamos restos de tarte num dos cantos da boca e, por momentos, pressentimos um beijo fugidio, subitamente revelado por um trejeito nos lábios, numa demonstração de agrado.

Começa então a viagem de Elisabeth, atravessando o país, sem destino nem regresso marcado (“eu só quero ir até ficar sem locais para ir”), ocupando os dias e noites como empregada em restaurantes, bares ou casinos, cruzando-se com outros, tão ou mais destroçados que ela, como um polícia que se afoga no álcool, a sua esposa que só pretende que ele a liberte e uma amargurada jogadora de poker. Os dias sucedem-se e Jeremy vai recebendo postais de Elisabeth, que com ele partilha as suas reflexões sobre estas almas marcadas pelo infortúnio.

Finalmente Elisabeth sente que chegou o momento de voltar a NY e escreve as seguintes linhas a Jeremy: “nos últimos dias ensinaram-me a não confiar nas pessoas, mas ainda bem que falhei. Por vezes dependemos das outras pessoas como um espelho, para nos definir e nos dizer quem somos e, cada reflexo faz-me gostar um pouco mais de mim”.

Título Original:  
My Blueberry Nights  
Realização:  
Wong Kar-Wai  
Comédia, M/12  
China, 2007, 90 min





**DESDE 1973 NA VANGUARDA  
DA ENGENHARIA**



**ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS  
COM O ARQ. CARLOS TOJAL  
E MIGUEL PASSOS DE ALMEIDA**

**ADEGA LOGOWINES. HERDADE DA PIMENTA,  
ÉVORA. 2004**